

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

VERBO

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

3

S.L. 02.009.0 12 12

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

3



309325-D

VERBO

NC-x690/98408

*Edição realizada
sob o patrocínio da*
SOCIEDADE CIENTÍFICA
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Direcção

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

ANÍBAL PINTO DE CASTRO
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

MARIA DE LOURDES A. FERRAZ
(da Faculdade de Letras — Universidade Clássica de Lisboa)

GLADSTONE CHAVES DE MELO
(da Faculdade de Letras — Universidade Federal do Rio de Janeiro)

MARIA APARECIDA RIBEIRO
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

Secretaria-Geral

A cargo do
Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo
sob a direcção de João Bigotte Chorão

COLABORADORES DO TERCEIRO VOLUME

- Dra. Graça Abranches*
Prof. Doutor Cláudio Aguiar
Prof.^a Doutora Melânia Silva de Aguiar
Prof. Doutor Fernando Aires
Prof. Doutor Carlos d'Alge
Dra. Ana Cristina Almeida
Dra. Isabel Almeida
Dr. Nelson de Almeida
Prof. Doutor Sérgio Rubens B. de Almeida
Dra. Eloísa Álvarez
Dra. Lizir Arcanjo Alves
Prof. Doutor Fernando Pinto do Amaral
Dra. Marta Teixeira Anacleto
Prof. Doutor Carlos Ascenso André
Prof. Doutor Artur Anselmo
Dra. Gabriela Antunes
Dra. Sara Manuela R. M. Augusto
Prof. Doutor Sânzio de Azevedo
Prof. Doutor José Oliveira Barata
Prof. Doutor José Carlos Barcellos
Prof. Doutor José Augusto Cardoso Bernardes
Prof.^a Doutora Élvia Bezerra
Prof.^a Doutora Maria Cecília Boechat
Dra. Maria João Borges
Prof.^a Doutora M.^a Luísa Malato Borralho
Prof. Doutor Roberto de Oliveira Brandão
Prof.^a Doutora Ruth Silviano Brandão
Prof.^a Doutora Sónia Brayner
Prof.^a Doutora Helena Carvalhão Buescu
Prof.^a Doutora Maria Leonor Carvalhão Buescu
Dr. José Camões
Prof. Doutor Alberto Carvalho
Prof.^a Doutora Ana Maria de Bulhões Carvalho
- Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro*
Prof. Doutor Vilares Cepeda
Prof. Doutor Guilhermino César
Prof.^a Doutora Ana Cristina Chiara
Dra. Eliana Chiossi
Dr. João Bigotte Chorão
Dr. Jorge Colaço
Prof.^a Doutora Cristina Robalo Cordeiro
Dra. Ângela Correia
Dr. Joaquim Correia
Leonel Cosme
Prof.^a Doutora Vilma Costa
Dra. Fernanda Coutinho
Dr. Duarte Ivo Cruz
Prof.^a Doutora Neyde Vieira da Cunha
Dr. Pedro Balas Custódio
Prof.^a Doutora Lucília de Almeida N. Delgado
Prof.^a Doutora Ângela Maria Dias
Dra. Ana Teresa Diogo
Prof. Doutor Américo António Lindeza Diogo
Dra. Rita Taborda Duarte
Prof. Doutor Adriano Espínola
Prof.^a Doutora Sónia Lúcia Ramalho de Farias
Prof. Doutor António M. Feijó
Dr. Goiamérico Felício
Prof.^a Doutora Maria de Lourdes A. Ferraz
Prof. Doutor Pere Ferré
Dra. Maria Ema Tarracha Ferreira
Dra. Maria do Rosário Ferreira Serafim Ferreira
Dr. Manuel Ferro
Dr. Albano Figueiredo
Prof.^a Doutora Vera Follain de Figueiredo
Prof. Doutor João Almeida Flor
Dra. Ana Margarida Fonseca

Dr. Edson Nery da Fonseca
Prof.^a Doutora Fernanda Irene Fonseca
Dra. Maria do Céu Fraga
Prof. Doutor António Cândido Franco
Prof. Doutor Manuel da Costa Freitas
Prof.^a Doutora Celina Fontenele Garcia
Dr. Mário Garcia
Prof. Doutor Armando Gens
Prof.^a Doutora Rosa Gens
Prof. Doutor Sérgio Martagão Gesteira
Dr. Paulo J. Pedrosa S. Gomes
Jesué Pinharanda Gomes
Prof. Doutor Renato Cordeiro Gomes
Prof.^a Doutora Elsa Gonçalves
Dra. Henriqueta Maia Gonçalves
Prof.^a Doutora Rosa Maria Goulart
Prof.^a Doutora Pilar Lorenzo Gradín
Doutor Fernando Guedes
Dr. Fernando Guimarães
Prof. Doutor Manuel Gusmão
Prof. Doutor João Adolfo Hansen
Prof.^a Doutora Ana Hatherly
Dr. Mário Hélio
Dr. Eduíno de Jesus
Prof.^a Doutora Maria Saraiva de Jesus
Prof. Doutor Nuno Júdice
Prof. Doutor Milton Marques Júnior
Prof. Doutor Luís Tavares Júnior
Prof. Doutor Luís Krus
Prof.^a Doutora Cristina Mello
Laranjeira
Prof. Doutor José Luís Pires Laranjeira
Prof. Doutor Cláudio Murilo Leal
Prof.^a Doutora Maria Lúcia Lepecki
Prof. Doutor Eugénio Lisboa
Prof.^a Doutora Ana Cristina Macário
Lopes
Dra. Silvina Rodrigues Lopes
Dr. António Apolinário Lourenço
Prof. Doutor Álvaro Manuel Machado
Dra. Ana Maria Machado
Prof.^a Doutora Letícia Malard
Prof.^a Doutora Rita Marnoto
Prof. Doutor João Francisco Marques
Dra. Teresa Martins Marques
Prof.^a Doutora Ana Maria
Mão-de-Ferro Martinho
Prof. Doutor Fernando J. B. Martinho
Dr. J. Cândido Martins
Dra. Inocência Mata
Prof.^a Doutora Maria Vitalina Leal de
Matos
Prof. Doutor Walter de Medeiros
Dra. Maria José Meira

Prof. Doutor Gladstone Chaves de
Melo
Prof.^a Doutora Dulce Mindlin
Prof.^a Doutora Maria Teresa Delgado
Mingocho
Dr. José Américo Miranda
Prof. Doutor João Gouveia Monteiro
Prof.^a Doutora Ofélia Paiva Monteiro
Vera L. A. Morais
Prof.^a Doutora Paula Morão
Prof.^a Doutora Fátima Freitas Morna
Dra. Isabel Morujão
Dr. Murilo Marcondes de Moura
Dra. Rita Moutinho
Prof. Doutor Aires A. Nascimento
Prof.^a Doutora M. Terezinha M. do
Nascimento
Dr. Júlio Taborda Azevedo Nogueira
Dra. Lucila Nogueira
Dra. Virgínia de Carvalho Nunes
Dr. A. de Oliveira
Dr. Fernando M. Oliveira
Dr. José Manuel Oliveira
Dr. Paulo F. Motta Oliveira
Dra. Maria Cristina Pacheco
Prof.^a Doutora Laura Cavalcante
Padilha
Dr. José Rodrigues de Paiva
Prof.^a Doutora Rosário Santana Paixão
Prof.^a Doutora Sylvia Paixão
Dra. Carme Villarino Pardo
Prof. Doutor J. Almeida Pavão
Dr. Sérgio Alves Peixoto
Dr. J. C. Seabra Pereira
Prof.^a Doutora M. H. Rocha Pereira
Dr. Paulo J. Silva Pereira
Dr. Abílio Perfeito
Dra. Maria da Graça Pericão
Prof. Doutor Sebastião T. de Pinho
Prof. Doutor José Alves Pires
Prof.^a Doutora Maria Lucília Gonçalves
Pires
Dra. Maria da Natividade Pires
Prof. Doutor António Pedro Pita
Prof. Doutor Francisco Salinas Portugal
Prof. Doutor A. Costa Ramalho
Prof. Doutor Luís de Sousa Rebelo
Prof. Doutor Carlos Reis
Prof.^a Doutora M. Luíza Ritzel
Remédios
Prof.^a Doutora Beatriz Resende
Prof.^a Doutora Cristina Almeida
Ribeiro
Prof.^a Doutora Maria Aparecida Ribeiro
Prof.^a Doutora Clara Rocha

Prof.^a Doutora Maria Isabel Rocheta
Prof. Doutor Ernesto Rodrigues
Prof. Doutor Urbano Tavares
Rodrigues
Prof. Doutor José Luís Rodríguez
Prof. Doutor Lourenço do Rosário
Prof. Doutor Gustavo Rubim
Prof.^a Doutora Maria das Graças
Moreira de Sá
Paulo Samuel
Dra. Maria Helena Santana
Prof.^a Doutora Maria Eduarda Borges
dos Santos
Dra. Maria Helena Duarte Santos
Dra. M. do Rosário Girão Ribeiro dos
Santos
Prof. Doutor António Carlos Secchin
Dra. Ana Margarida Falcão Seixas
Prof.^a Doutora Ângela Senra
Prof.^a Doutora Teresa Seruya
Dra. Celina Silva
Prof. Doutor Francisco Maciel Silveira

Prof. Doutor Osvaldo Silvestre
Dra. Maria João Simões
Dr. Carlos Mendes de Sousa
Prof. Doutor Ivo Carneiro de Sousa
Dr. João Rui de Sousa
Prof.^a Doutora Gilda Salem Szklo
Prof. Doutor Miguel Tamen
Dr. Hélio Teixeira
Dra. Helena M. R. A. Costa Toipa
Dr. Luís Forjaz Trigueiros
Dra. Maria Luísa Urbano
Dra. Helenice Valias
Dr. Taborda de Vasconcelos
Prof. Doutor Albino de Bem Veiga
Dr. Miguel Viqueira
Dr. João Conde Veiga
Prof. Doutor José Carlos Venâncio
Dr. António Ventura
Dra. Evelina Verdelho
Dr. Anco Márcio Tenório Vieira
Prof.^a Doutora Maria Helena Werneck
Prof.^a Doutora Regina Zilberman

e um episódio de *Terras do Demo*, de Aquilino Ribeiro, tal como sucedera já, no terminar do séc. XIX, mas num ambiente urbano, com uma peça de teatro de Júlio Brandão e Raul Brandão, *A Noite de Natal*, que é «um drama de adultério descoberto no clima contrastivo da consoada», como o classificou J. C. Seabra Pereira. Pelo contrário, um certo humanitarismo e beleza pairam sobre os seis *Contos de Natal*, de Domingos Monteiro, e uma quase bonomia, própria de uma alma simples, ilumina o conto «Natal» de Miguel Torga (*Novos Contos da Montanha*). No domínio da literatura infantil, combinando, com o quadro das tradições do N., do presépio, das prendas e da Missa do Galo, uma discreta lição de generosidade, salienta-se *A Noite de Natal*, de Sophia de Mello Breyner.

Poderá concluir-se, após esta enumeração, que está longe de ser exaustiva, que, tendo principiado por glosar, com maior ou menor fantasia, os dados evangélicos, acentuando sempre a lição de pobreza dada pelo presépio, durante os sécs. XIV-XVII, o tema do N. evolui para o encómio da paz no tempo dos arcades e para a exaltação da liberdade a partir do Romantismo. Muitos dos maiores escritores do séc. XIX se comprazem no registo, quase sempre muito minucioso, dos costumes portugueses, que por vezes contrastam, numa valoração ora positiva, ora negativa, com as práticas de outros povos. O N. como ocasião de reunir a família traz consigo o motivo da tristeza pela ausência de alguns ou mesmo o da completa solidão. Outros aspectos que vão sendo considerados ao longo do séc. XX são a ascensão do consumismo e o alargar da distância entre a opulência das casas ricas e o despojamento dos indigentes. Alguns autores sentem o N. como uma festa íntima dos valores cristãos, ao passo que outros negam a sua existência.

Acrescente-se ainda que, a par da literatura erudita, floresceu uma rica literatura popular, em que se enquadram os vilancicos (cujo acompanhamento musical se perdeu) e que ainda eram entoados durante o séc. XVII e começos do séc. XVIII, não só em igrejas paroquiais ou conven-

tuais, como até na Capela Real. Exuberantes, alegres, por vezes irreverentes, mas ingénuos, como os classificou Darcy Damasceno, geralmente anónimos e de extensão variável, muitas vezes dialogados, celebram principalmente os louvores da Virgem Maria, o nascimento de Cristo e a visita dos Reis Magos. Nos nossos dias, Afonso Duarte recolheu também cantos populares em volta destes temas, em uso em diversos lugares do País, com variantes que acusam a especificidade de cada um deles.

BIBLIOGRAFIA: Azinhal Abelho, *Cancioneiro do Natal Português*, Lx., 1964; Darcy Damasceno, *Vilancicos Seiscentistas*, Rio de Janeiro, 1970; Ernesto Donato, *Dos Vilhancicos*, Coimbra, 1929; Afonso Duarte, *O Ciclo do Natal na Literatura Oral Portuguesa*, Barcelos, 1937; Mário Martins, *Mestre André Dias. Laudes e Cantigas Espirituais*, Lx., 1951; Mário Martins, «Uma Visão do Natal em Frei Agostinho da Cruz», in *Brotéria*, 79, 1964, 554-559; Isabel Morujão, «As lágrimas do Menino Jesus: entre a doutrina e a poesia», in *Via Spiritus*, 2, 1995, 131-167; Vitorino Nemésio, *O Natal Português*, Lx., 1944; J. C. Seabra Pereira, *Júlio Brandão e Raul Brandão. A Noite de Natal*, Lx., 1981; J. Mendes dos Remédios, *Os Vilhancicos*, Coimbra, 1923; António José Saraiva, *Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval*, Lx., 1963; António Salvado, *Anunciação e Natal na Poesia Portuguesa* [Lx., s/d, (1969)].

M. H. Rocha Pereira

NATIVIDADE (Frei Luís da)

Orador sagrado português (Pinhel, 1590?-Lisboa, 1656). Professou na Província de Portugal da Ordem de S. Francisco, vindo posteriormente a desempenhar as funções de lente de Escritura no Colégio de Coimbra, cargo que acumulou, em 1626, com o de guardião do mesmo Colégio. Voltará a assumir tal dignidade no Convento de Guimarães, em 1636, graças à sua observância religiosa e grande erudição. De acordo com Frei Fernando da Soledade, foi «leitor de Teologia e pregador notável do seu tempo».

De toda a sua obra, a mais conhecida é a colectânea de sermões *Divindade do Filho de Deos Humanado* (Lisboa, 1645), único impresso. Consta de 25 discursos ou «encómios», segundo a designação que o autor lhes atribui. A segunda parte, prometida no prólogo, chegou a obter as licenças para impressão, mas permaneceria inédita, bem como todas as

suas restantes composições. Revela este sermão um disciplinado domínio da palavra e uma flagrante energia na construção do discurso. A *Declamação sobre o Pelote de D. João o I*, incluída no mesmo volume, contém o texto do sermão, de forte tom patriótico, proferido a 14.8.1638, por ocasião da exposição do pelote daquele monarca, atravessado pela própria lança, diante da Senhora da Oliveira, em Guimarães. Essa festividade adquiria particular significado no momento em que a ideia da Restauração ia ganhando cada vez mais corpo, transformando a celebração da vitória de Aljubarrota num incitamento à revolta, que o descontentamento popular tornava mais urgente. Ficou célebre a comparação que estabelece entre o pelote roto e a pobreza de Portugal, submetido a rei estrangeiro.

As *Excerptx Cogitationes ex Lectione diaria in sacrum Codicem*, manuscritas, revelam, por outro lado, a preocupação do autor em facilitar a construção do discurso oratório, visto constarem de um levantamento relativamente exaustivo de lugares-comuns (mais de 2000) provados com os textos de ambos os Testamentos. Deixou ainda manuscritos uns *Obsequios Virginaes, e Eucharisticos. Acções de Rey D. João o IV. Nosso Senhor Rey de Portugal*.

O autor insere-se deste modo na abundante produção literária que, depois de ter promovido o movimento autonomista antifilipino, serviu de propaganda à Restauração.

BIBLIOGRAFIA: Frei Fernando da Soledade, *Historia Serafica*, t. III, liv. I, Lx., 1705, p. 100; Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, III, 122-123; Inocêncio F. da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, V, 310, e XVI, 51; Jacinto do Prado Coelho, «Frei Luís da Natividade e a esperança patética da Restauração», in *Problemática da História Literária*, Lx., 1961, pp. 105-107; João Francisco Marques, O «Retrato de Portugal Castelhana» de Fr. L. da Natividade no Âmbito da Parenética Autonomista da Década de 1630-1640, Guimarães, 1982; id., *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*. Porto, 1986, *passim*; id., *A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640-1668*, Porto, 1989, *passim*.

Manuel Ferro

NATURALISMO

1. *Em Portugal* — A caracterização periodológica do Naturalismo requer, antes de mais, uma referência sucinta aos

fundamentos realistas que o sustentam. Constituindo, tal como o Realismo oitocentista, um movimento de orientação anti-idealista e anti-romântica, o N. define-se também em função de um intuito crítico e reformista, a par do culto de uma desapaixonada objectividade: essa que levou Zola a reclamar para o escritor naturalista a impessoalidade de um estilo «feito de lógica e de clareza» (cf. É. Zola, *Le roman expérimental*, pp. 89 e 92-93).

O N. afirma-se, contudo, sobre bases ideológicas mais precisas do que o Realismo: de matriz positivista, a estética naturalista é materialista e antimetafísica, cultivando a crença em leis naturais que regem as sociedades e os comportamentos humanos. Por isso, no prefácio da 2.^a ed., de *Thérèse Raquin* (1867), Zola declara: «O romancista é feito de um observador e de um experimentador. Nele, o observador faculta os dados tal como os observou, fixa o ponto de partida, estabelece o terreno sólido sobre o qual vão movimentar-se as personagens e desenvolver-se os fenómenos. Depois, o experimentador aparece e institui a experiência, quero dizer, faz mover as personagens numa história particular para mostrar que a sucessão dos factos corresponderá à exigência do determinismo dos fenómenos submetidos a estudo» (É. Zola, *Le roman expérimental*, pp. 63-64). O determinismo constitui uma outra referência importante para o N., na medida em que conduz à valorização de condicionamentos como a hereditariedade ou a influência dos ambientes e da educação, por força da acção conjugada dos três factores fundamentais que são a raça, o meio e o momento histórico; assim, o adultério de Luiza, n' *O Primo Bazílio*, é determinado, em grande parte, pela educação e pelas leituras que povoam o imaginário da personagem.

São orientações ideológicas como as descritas que explicam os temas dominantes cultivados por escritores que, entre meados dos anos 60 do séc. XIX e o final desse século, mais ortodoxamente acolheram, praticaram e difundiram a lição do N.: Édmond e Jules de Goncourt, Émile Zola, Alphonse Daudet,